

AT 20- GÊNERO INCLUSÃO E PRÁTICAS CULTURAIS

IV CINTEDI – CAMPINA GRANDE –PB.

TÍTULO :

**PRÁTICAS DE ENSINO SOBRE, GÊNERO, SEXUALIDADE E
HOMOFOBIA NO CONTEXTO ESCOLAR :**

**CELEBRANDO INCLUSÃO DA DIVERSIDADE ATRAVÉS DA BNCC
E DO PENSAMENTO FREIREANO.**

**Autor : Luís Carlos Paulino da Silva(1)
prof.carlinhopaulino@gmail.com.**

1. RESUMO.

O presente artigo faz um alinhamento científico crítico a respeito das possíveis práticas educativas escolares como objeto de ensino e discussão para uma Educação não sexista e sem homofobia, buscando fazer inclusão no âmbito escolar da diversidade de acordo com as competências da atual BNCC e do pensamento do Mestre Paulo Freire a partir da pedagogia inclusiva e não sexista que promove a exclusão escolar. O debate contemporâneo em busca de equidade de gênero quer seja masculino ou feminino, na vida individual ou nas práticas sociais nos ideais de pluralidade e de uma prática democrática, parece se encontrar em ativo movimento, buscando ainda uma maior e considerada emancipação de alguns grupos considerados minoritários, ou seja, de excluídos e marginalizados socialmente, a exemplo da sigla LGBTPQIA+, apesar dos avanços, ora já conquistados. Mas na prática, algo ainda é preciso ser feito em se tratando da homofobia disfarçada que ainda existe no processo do âmbito escolar da Educação Básica (Fundamental).Este artigo surgiu da inquietação do pesquisador, também professor na Educação Básica (fundamental 6 ao 9 ano) em realizar estudos teóricos e práticos através de uma pesquisa a respeito dos diversos problemas sociais que ainda perduram sobre a diversidade de gênero e a orientação sexual

Palavras chaves : Gênero, Sexualidade, Homofobia, Escola, Diversidade.

(1).Graduado em Lic. Em Pedagogia (UEPB), Lic.. Em Letras (UFPB), Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (UFPB) e com MESTRADO em Formação de Professores pela (UEPB).

.2.INTRODUÇÃO.

A diversidade humana ainda pode ser considerada por muitos docentes da Educação Básica, apesar de estarmos em pleno século XXI, ano 2021 que comemoramos o centenário do Mestre Paulo Freire, um tema bastante complexo a ser abordado na escola pelo fato do binarismo sexual ser considerado o padrão social por alguns profissionais, apesar das leituras das obras freireanas pelos estudantes nos cursos de formação docentes.

Portanto, uma fonte norteadora para esta pesquisa são os desafios da escola em relação ao processo de desenvolvimento integral dos discentes, considerando-se suas diferentes orientações sexuais e seus direitos garantidos na CF-1988, enquanto educandos em fase de formação e construção da personalidade, do caráter e da cidadania, tendo-se como base a geração de certas políticas de identidade social a partir das práticas pedagógicas que podem ser desenvolvidas no contexto escolar.

A diversidade de gênero e a sexualidade na fase da infância, adolescência e juventude ainda precisam passar por discussões no âmbito escolar para construção de debates, mediante os preconceitos que na maioria dos casos chegando-se a prática homofóbica, que desrespeita de forma pejorativa, crítica, menospreza, intimida e violenta o sujeito, diminuindo os valores humanos além da transgressão dos direitos individuais e sociais e até da possibilidade para o desenvolvimento pleno e exercício da cidadania.

É necessário algumas reparações, pois, de forma bastante óbvia, podemos ainda encontrar no âmbito escolar, por parte de segmentos escolares, assim como : Gestores, Docentes, Discentes, Funcionários e principalmente por parte dos familiares dos alunos, uma certa resistência no que diz respeito a aceitação plena dos filhos e ou alunos que se encontram em situação oposta ao padrão normativo de sexualidade. Por isso pretendemos intensificar estudos em torno das possíveis construções pedagógicas que possam gerar respeito ao ser humano, independente da diversidade de gênero e sexualidade que pode ser melhor compreendida mediante as variações e dimensões na diversidade humana, conforme quadro em resumo a seguir :

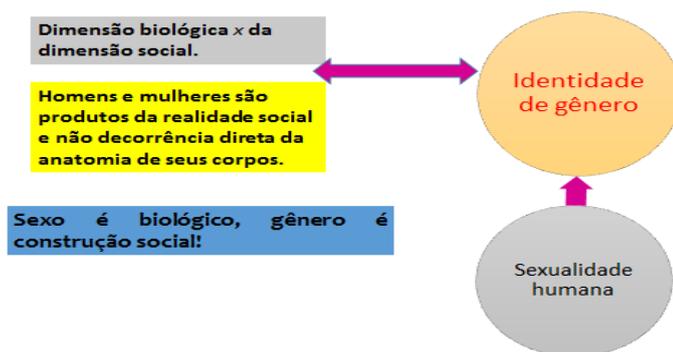


Ficando esta minoria a respeito da orientação sexual a enfrentar o preconceito e a prática homofóbica, apesar de toda diversidade do ser humano, onde as diferenças servem para fundamentação para geração das desigualdades, em face as diversidades de gênero e da sexualidade das pessoas, ora consideradas biológicas, ora estritamente social ou cultural que chegam a desconstruir algumas das oportunidades ou direitos garantidos na própria Constituição Federal, quer seja no aspecto individual ou social.

O trabalho versará sobre a possibilidade que a escola enquanto uma instituição constituída de profissionais habilitados e de largo conhecimento nas diversas dimensões científicas da psicologia, filosofia, sociologia, antropologia entre muitas outras, possam predispor a respeito da construção de práticas pedagógicas que favoreçam a uma política social que viabilize no contexto escolar da Educação Básica um trabalho pedagógico voltado para a igualdade, independente das diferenças, da diversidade de gênero e da orientação sexual.

Portanto, muitos destes indivíduos em situação de minorias, apenas podem contar com o ambiente da escola, apesar que muitas vezes o preconceito é gerado justamente no seio da família e da própria escola, por se tratar de pessoas, que muitas vezes não tem domínio ou conhecimento suficiente para aceitar as diversidades de gênero e da sexualidade que venham a ser diferentes do padrão binário estabelecido pela sociedade.

Salientando que Paulo Freire buscou unir na Educação Libertadora a adequação ambiental gerando consciência crítica dos educandos mostrando que a dureza da vida não era milagre e sim, podendo ser fruto da realidade econômica da sociedade afetando a parte social deles em face das desigualdades construídas a partir da dimensão biológica ou social do indivíduo, conforme exposição a seguir, onde podemos partir para uma nova visão entre a Identidade de gênero e a sexualidade humana.



Portanto, nos dias atuais já podemos contar com uma versão mais completa, a qual vamos dar maior ênfase na construção usando a mais nova sigla **LGBTQPQIA+** que busca dar maior espaço a todas as diversidades e as identidades sociais, na qual as letras significam:

L = Lésbicas — mulheres atraídas por outras mulheres; **G** = Gays — homens atraídos por outros homens; **B** = Bissexuais — pessoas atraídas tanto pelo mesmo gênero quanto pelo

oposto; T = Travestis, transexuais e transgêneros — “trans” significa “além de”, o que define as pessoas que estão além dos gêneros feminino e masculino tradicionais; P = Pansexuais — sentem atração sexual e/ou amorosa por pessoas independentemente do gênero dessas; Q = Queer — representa as pessoas que não se encaixam nos padrões heterossexuais e/ou no binarismo de gênero; I = Intersex — abreviação para “intersexual”, que faz referência a pessoas que biologicamente não se encaixam nem no binário feminino e, nem no masculino. Isso se dá por questões hormonais, genitais e/ou nos cromossomos (genética); A = Assexuais — aqueles/as que nunca, ou raramente, sentem-se atraídos/as sexualmente por outras pessoas; + = Sinal utilizado para incluir pessoas que não se sintam representadas por nenhuma das outras sete letras.

2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA:

2.1 - Objetivo Geral

- Analisar a importância da Escola na Educação Básica no enfrentamento a violência LGBTfobia e construir Práticas Pedagógicas que possam desenvolver uma inovação a respeito da diversidade de gênero (homem x mulher) e da orientação sexual em uma gestão autônoma, plural e democrática diante dos desafios sobre o combate a Homofobia para uma construção de políticas de Identidade Social através de uma Pedagogia inclusiva e as competências da BNCC da Educação Brasileira e a realidade social, cultural e familiar com a realidade contemporânea e que possa naturalizar o respeito para com as diferenças e identidades sociais ultrapassando o senso comum padrão no contexto de formação no âmbito escolar

2.2 - Objetivos Específicos:

- Intensificar estudos teóricos a respeito do tema abordado neste projeto através das diferentes dimensões: técnica, ideológica e científica, buscando novos esclarecimentos sobre os questionamentos que pairam ainda sobre as práticas pedagógicas nos dias atuais frente a diversidades sociais, viabilizando a produção de novos conhecimentos e com políticas públicas a partir do Currículo Escolar no processo de ensino e aprendizagem e as competências da BNCC e o pensamento do maior Mestre mais citado em trabalhos científicos do mundo “Mestre Paulo Freire”.

- Problematizar as diferenças de gênero, de sexualidade tendo-se em vista a construção de Identidade social dos indivíduos dos grupos LGBTs no contexto social através de práticas educativas realizadas no âmbito escolar da Educação Básica, desconstruindo os preconceitos, a violência moral e a exclusão.

- Promover debates junto ao corpo docente sobre a necessidade de respeito com toda a diversidade de orientação sexual considerando-se os direitos à educação garantidos nos dispositivos constitucionais e de outras leis.

- Reconhecer o grau de violência de gênero como uma prática de preconceitos e da desigualdade entre “homens e mulheres”, desde as questões da virilidade masculina sobre a

submissão feminina que se manifestam através de ameaças, agressões físicas, assédio sexual etc.

- Realizar atividades pedagógicas junto aos docentes x discentes, buscando desmistificar a heteronormatividade como relação de poder entre os masculinos e femininos e sua relação com a diversidade de gênero e orientação sexual.

- Problematizar a importância do trabalho docente e os efeitos negativos diante a diversidade sexual e a prática homofóbica na convivência escolar, mediante a rotulação banal empregada com as pessoas dos grupos LGBTs de forma discriminatória e pejorativa. - Desenvolver seminários, debates, discussões e práticas educativas visando politizar a LGBTfobia no âmbito escolar da Educação Básica ao invés de ser policializado e criminalizado com toda a comunidade.

Considerando-se o pensamento do grande Mestre Paulo Freire além de homenagear o Mestre mais citado em trabalhos científicos no mundo, obviamente podemos fazer alusão ao nosso projeto de inclusão humana, fazendo a exposição do determinado pensamento:

“ Educação pode mudar as pessoas e as pessoas podem mudar o mundo “

nos enriquece de encorajamento para desenvolver esta pesquisa com fulcro positivo de resultados para com o processo educacional escolar da Educação Básica na propositura de mudança e aceitação do ser humano da forma que ele realmente é, independentemente da sua opção sexual e do seu potencial para com a própria sociedade. Enchendo-nos de perspectivas de conseguirmos algo importante na relação da prática do ensino x aprendizagem (professor x aluno). Onde o conhecimento poderá servir de transformação do bom senso sobre todo e qualquer tema abordado.

Este projeto de pesquisa busca criar perspectivas de inovação curricular na Educação Básica através de debates e de atividades pedagógicas envolvendo a família e a escola, principalmente os docentes para uma construção lógica a respeito da diversidade de gênero e sexualidade, da omissão no contexto escolar, e da prática homofóbica que geralmente discrimina, violenta e até exclui do processo educacional.

Cabendo a escola a responsabilidade de saber aceitar e e incluir o diferente através de uma prática escolar formal que desenvolva sua autonomia pessoal, resguardando-se os impasses de complexidade sobre a orientação sexual, afinal, o sexismo é um conjunto de diversas manifestações de comportamento discriminatório, que favorece um sexo em detrimento do outro.

O desconforto de “sentir-se desigual” e por isso receber um tratamento discriminatório pode ser efeitos, como o estresse, a depressão que tensional debilitam a saúde , o equilíbrio emocional, em dimensões especialmente significativas e profundas, pois estão interceptadas nos sentimentos e nas avaliações dos sujeitos sobre si mesmo e o outro. (Maria Rangel, 2013,p.19).

Afinal os diferentes da identidade padrão em relação a sexualidade, de acordo com Carvalho, 2009, p. 15, tornam-se em verdadeiros estereótipos, ou seja, são vistos como se fossem uma representação simplificada, geralmente negativa e prejudicial de um grupo, funcionando como um dispositivo de classificação das pessoas. Por exemplo a palavra “travesti” não associamos a um ser humano e sim a uma visibilidade distorcida apenas pelo seu modo de exteriorizar sua orientação sexual, passando a ser visto como “algu” estranho e diferente dos considerados “normais” socialmente.

- E neste caso, qual é o papel da Escola ? - Que atitude tomar ? Socializar o indivíduo ou reforçar o estereótipo no âmbito escolar, enquanto instituição cientificamente falando-se “formadora” do caráter e da personalidade?

Afinal, são estas e muitas outras questões que servem de fundamentos à nossa inquietação e intensão de produzir novas Práticas Educativas envolvendo a comunidade LGBTfobia em busca de uma equidade de gênero apesar das diferenças que caracterizam identidades sociais construindo uma relação de poder e dominação,

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada sob tipo qualitativa, mediante o contexto em estudo e através de diferentes formas para obtermos os respectivos dados, principalmente através da análise documental de textos da obra de Lindamir S. Casagrande (Igualdade de gênero – enfrentando o sexismo e a homofobia) em seus diferentes textos que deixam bastante clareza em relação as questões de gênero e a sexualidade explicitando a diferença e a diversidade em um texto da autora Constantina Xavier Filha, na página 309.

Assim como a obra de Mary Rangel (A Escola diante da Diversidade) no texto ‘ Gênero e Sexualidade : Diálogos e Conflitos), por tratar diretamente da realidade que vivemos em nossas escolas nos dias atuais em uma comparação direta e real.

Tivemos um grande auxilio na questão de conceitos básicos de alguns termos com os livros da Professora Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho, principalmente a obra : Equidade de Gênero e Diversidade Sexual na Escola : Por uma Prática pedagogia Inclusiva, por estar totalmente vinculados aos PCN no volume 10 que trata da Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.

De acordo com MINAYO, 2009, p.14, a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização (as técnicas), e a criatividade do pesquisador (experiência e criatividade pessoal).

Portanto, este projeto de tese será desenvolvido quanto à abordagem como uma pesquisa qualitativa, partindo da representação e aprofundamento da compreensão de um grupo social, no caso, dos diferentes em relação a questão de gênero e sua sexualidade e o combate a homofobia com toda a comunidade LGBTs.

Quanto à natureza se trata de uma pesquisa básica, pois objetiva a geração de novos conhecimentos que são considerados de grande utilidade para alunos e docentes da Educação Básica, tendo-se em vista a formação do sujeito através do processo de ensino e aprendizagem escolar.

De acordo com os objetivos podemos afirmar que a pesquisa tem fundamento exploratória, descritiva e explicativa, ou seja, envolve os três grupos, já em relação ao procedimento ela se aproxima de várias modalidades embora predomine o tipo de pesquisa-ação participante, por se tratar de uma investigação social em busca de solução para um problema coletivo, de modo que o pesquisador e pesquisados representativos do tema da tese estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (professores e alunos).

Para isso vamos utilizar de uma variedade de instrumentos para coletar os dados necessários, assim como : leitura e interpretação de textos, uso de questionários (abertos e fechados), entrevistas estruturadas, em grupos e informal, além da participação direta no processo escolar, se estendendo com a pesquisa de campo, tendo-se em vista a ruptura do pré-conceito, com a constatação da homofobia e principalmente com a construção de novas práticas educativas para ser incluído no currículo do Ensino Fundamental e médio como forma de uma conscientização da igualdade entre as diferenças e as identidades sociais.

Esse artigo busca dar continuidade ao estudo, pesquisa e investigação iniciada no Curso de Especialização em Gênero e Diversidade sexual (UFPB-2016), onde fora produzido uma dissertação de acordo com a pequena pesquisa realizada e inacabada que aborda as Práticas Educativas sobre Diversidade de Gênero e Sexualidade, dando ênfase ao combate a Homofobia no âmbito escolar.

Porém em situação incompleta pela condição do tempo e espaço para pesquisa. Portanto pretendemos intensificar ao máximo este projeto em busca de novas e grandes descobertas, fazendo-se uma análise da relação dicotômica entre diferença x identidade social para afirmações mais nítidas e obvias a respeito das diversidades de gênero, da sexualidade e o combate a homofobia tendo-se em vista as questões de identidades e diferenças que geram desconforto social para com a comunidade LGBT quando se encontram na fase de formação e construção de identidade, personalidade e aquisição dos conhecimentos.

No decorrer da prática docente com alunos da Educação Básica, tornou-se instigante, mediante a realidade em se tratando de questionamentos sobre a diversidade existente na clientela da escola Pública. Daí, procuramos estudar, questionar, pesquisar e produzir alguns artigos que tem como foco o tema abordado neste artigo os quais listamos a seguir os nossos possíveis textos que foram trabalhados à nível de reflexão com alunos do 6 ao 9 ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Eunice Barbosa, na intenção de criarmos um clima de naturalidade a respeito do assunto abordado, assim como :

1. O discurso homoafetivo na construção do gênero literário.
- 2 O discurso homoafetivo e a função social da escola.
3. Práticas escolares por uma educação inclusiva: não sexista, não racista e não homofóbica.
4. Práticas educativas por uma educação inclusiva não sexista: refletindo a diversidade sexual e a homofobia.
5. Práticas sobre gênero e sexualidade: um novo olhar sobre a homofobia na escola.

6. O desafio escolar pela construção da igualdade de gênero : refletindo sexismo, sexualidade e homofobia. 7. Práticas educativas não sexistas: refletindo a diversidade sexual e a homofobia na escola .

.4. REFERENCIAL TEÓRICO.

De acordo com o pensamento do Mestre Paulo Freire, quando ele afirma que ao “ Educação pode muda as pessoas e as pessoas podem mudar i mundo “, nos dar a esperança de conseguirmos algo importante na relação social inclusiva, mediante as diversidades , através da praticas educativas realizadas nas escolas. Dependendo do compromisso e da responsabilidades dos profissionais da Escola Pública, podendo-se chegar as possíveis mudanças de aceitação social, sem preconceitos mediante as diferenças das orientações sexuais, por isso, usamos no referencial, o pensamento Freiriano como base de partida para justificarmos o titulo e a pesquisa realizada e o ponto almejado de chegada, enquanto conclusão ou rendimento do trabalho educativo .

Segundo o Prof. Éder Dantas (2021) ,quando se fala em direito à educação, metodologias ativas de aprendizagem, aprendizagem colaborativa, educação não-sexista, educação contextualizada, pedagogia anti-racista, inclusão sócio-educativa, escola multicultural, educação não-violenta, educação emocional e outros conceitos que apontam para uma escola dialógica, plural, democrática e, acima de tudo, humanista, há uma (ou muitas) centelha (s) do pensamento freireano no contexto.

O debate contemporâneo sobre sexualidade e gênero ultrapassou o reducionismo dicotomizante entre natureza versus cultura por meio da afirmação não apenas da arbitrariedade da dominação masculina, mas também da historicidade da compreensão binária do sexo. (Bourdieu, 2007) Homossexualidade é um tema bastante complexo a ser abordado. Numa sociedade que não é apenas heterossexual, mas marcadamente heteronormativa (RIOS, 2007).

A heterossexualidade é instituída como padrão e, naturalmente, apresenta-se como expressão indenitária e sexual. Assim, para compreender as questões da homofobia, faz-se necessária uma reflexão aprofundada das várias dimensões da sexualidade humana.

.4. .RESULTADO E DISCUSSÃO.

Desde o início da década de 1980, assistimos, no Brasil, a um fortalecimento da luta pelos direitos humanos de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e bissexuais (GLTB). Associações e grupos ativistas se multiplicam pelo País. Este artigo por se tratar de um assunto que é abordado na realidade social do cotidiano escolar, considerado ainda por alguns da área de educação um tabu, por isso, consideramos uma iniciativa inovadora mediante os bloqueios que ainda perduram nos dias atuais da nossa sociedade. Tendo-se em vista o reconhecimento da diversidade, a promoção da igualdade e no enfrentamento do preconceito discriminatório que provoca uma certa desigualdade considerada violenta principalmente no aspecto psicológico através de ações e/ou palavras que submete alguém a um tratamento considerado antissocial através do bullying, assédio, humilhação ou agressão física ou sexual no contexto escolar de acordo com as possíveis formas e modos de homofobia que acontecem na Escola mediante o preconceito ou falta de aceitação das diversidades humanas, consideradas pejorativas e ou excludente do ambiente escolar, conforme algumas citações a seguir:

Formas e modos homofóbicos na Escola

- medidas discriminatórias;
 - ofensas e constrangimentos;
 - ameaças e agressões físicas ou verbais;
 - piadas e brincadeiras;
 - jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes etc.
- COMO ESTÁ O PRECONCEITO DOS PROFESSORES**
(UNESCO, 2002)
- **59% acham INADIMISSÍVEL que uma pessoa tenha relações homossexuais;**
 - **21,2% não gostariam de ter vizinhos homossexuais;**
 - **72% INDIFERENTE;**
 - **6,8 % Gostaria de ter vizinhos homossexuais.**

“ A Orientação Sexual na Escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados.

“ (PCN, V. 8-p. 34), que na verdade, intencionamos naturalizar as diferenças por intermédio de práticas educativas construirmos a inibição e ou erradicação do desejo ou de um homem sentir-se no direito de violentar uma “mulher” ou “gay”, apenas pela ameaça a sua masculinidade ou forma de pensar e ver a sociedade.

Para um melhor entendimento para os possíveis futuros leitores, pretendemos usar os conceitos pertinentes ao tema e a construção de uma nova cultura específica como formação continuada por parte dos docentes da Educação Básica. De forma que este discurso seja objetivo, específico e com uma linguagem instigadora de possibilidades e de sentidos culturais sobre a diversidade de gênero e da orientação sexual, decifrando enigmas sociais,

problematizando novos conhecimentos além de uma reflexão para o combate da homofobia no contexto escolar.

A título de sugestão pretendemos usar todos os verbetes e algumas expressões específicas que ainda são poucos conhecidos e usados pelo corpo docente de algumas escolas, a exemplo da obra da Profa. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho, titulada de glossário para uma escola plural em termo de Gênero e Diversidade Sexual, como uma inovação cultural, assim como: Heterossexismo, Homoerotismo, Homoafetividade, Identidade Sexual e de Gênero, Misoginia, etc.

Em se falando nas teorias e teóricos que do nosso interesse, podemos citar que partiremos da “Teoria Queer”, ou seja desta teoria que praticamente surgiu na década de 90 em busca de construir discussões sobre a “Identidade Homossexual”, baseada nas teorias de Michel Foucault, Judith Butler, entre outros que tem como objetivo a desconstrução das identidades sexuais.

A “Teoria Queer” vai assumir uma posição importante no desenvolvimento desta tese, por considerarmos uma grande perspectiva para questionamentos sobre a situação do grupo das minorias e oprimidos em busca ao combate da homofobia no âmbito escolar incluindo toda a comunidade LGBTQIA+.

E como Louro (2004) também afirma:

“Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante- homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro e nem o quer como referências; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível. Queer é um corpo estranho que incomoda perturba, provoca e fascina ao mesmo tempo”.

Além dos autores ora citados, iremos ainda usar como fundamento teórico as obras de Lindamir S. Casagrande e Marília G. de carvalho, Mary Rangel, as obras da profa. Dra. Maria Eulina Pessoa de Carvalho, Coleção Adolescentes e jovens para a educação entre pares, Daniel Borrilho, Judith Butler entre muitos outros.

.5..CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Com este estudo e pesquisa chegamos a uma pré conclusão bastante prática, pois, a partir da conceptualização de gênero e sexo e a sexualidade das pessoas, reconhecemos a grande importância para a inclusão do “tema” do currículo escolar do Ensino Fundamental, por ser constituído por jovens e adolescentes que precisam ter uma maior conhecimento e esclarecimento, daquilo que na maioria das famílias ainda é proibido, embora, que chega ao conhecimento dos mesmos através de forma errada e de “amigos” ainda sem formação básica para troca de conhecimentos.



E que o tema seja abordado no seio da comunidade escolar através de projetos interdisciplinar, trabalhados de forma coletiva pelos professores e orientadores educacionais para uma preparação óbvia e uma realidade objetiva das diferentes orientações sexuais existentes nos dias atuais em toda gama social e nas diferentes classes sociais, para evitar transtornos familiares e sociais dos ou das pessoas reconhecidas como “ diferentes “ do binômio padrão sexual (masculino x feminino), ou seja do questionamento do papel do gênero na representação (homem x mulher), conforme imagem representativa abaixo :

Papel de Gênero ??

- Construção sócio-histórico e cultural, demonstra expectativas do que se espera de um comportamento **masculino** versus **feminino**.



Sendo de inteira responsabilidade da “ Escola “ enquanto agência que domina o conhecimento científico, exclusivamente aos profissionais da educação (Gestores , Coordenadoras e Orientadoras Pedagógicas e principalmente o Corpo Docente, como maior segmento educativo escolar), buscarem de forma pedagógica desenvolver o processo do conhecimento, partindo de questionamentos simples e comuns , como :

“ Somos Iguais ou Diferentes ?

Para uma possível construção para um ponto de autoafirmação ou referencial humano, por intermédio de um estudo crítico e reflexivo, didaticamente planejado para com as diferenças e das igualdades humanas e suas respectivas importâncias na formação da Personalidade, do Caráter e na parte integral da formação do indivíduo para o exercício pleno da cidadania e da convivência social.

.6.Referencias Bibliográficas.

. BORRILHO, Daniel. Homofobia: História e critica de um preconceito. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte. Autêntica, 2010. (Ensaio geral 1). P.34.

- . BUTLER, Judith, Problemas de Gêneros. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2003.
- . Brasil. Ministério da Saúde. Adolescentes e Jovens para a Educação entre pares. Gêneros. Saúde e prevenção nas escolas . vol.7 Série B. Brasília. DF. 2012.
- . CAETANO, Moacir. A Escola diante da Diversidade. Organizadora – Mary Rangel. Rio de Janeiro. Wak Editora. 2013. 108 p.
- . Carvalho, Maria Eulina Pessoa. Equidade de Gênero e diversidade sexual na escola. João Pessoa . ED. Universitária. UFPB. 2009 46p.
- . _____, Gênero e diversidade sexual . Um glossário. Escolas Plurais. João Pessoa. Ed. Universitária. UFPB. 2009 56p.
- . Casagrande, Lindamir Salete. Nanci Stancki e Marília Gomes de Carvalho. Orgs. Igualdade de Gênero. Enfrentando o sexismo e a homofobia. Editora UTFPR. Curitiba. 2011.
- . Souza, Valquiria Alçencar de. Por uma educação escolar não sexista. João Pessoa. Editora Universitária. UFPB. 2003.
- . PCNs. Pluralidade Cultural. Orientação Sexual. MEC. Brasília. Vol. 10. 2001.1.